

## Zine e desintoxicação do universo online

Amanda Tiemi Nakazato 10743071  
Arthur Pereira Trezza 10743064  
Thaís Moreno Ferreira 8800880



**Resumo:** O mercado livreiro atual vem sofrendo fortes transformações nos últimos anos, de um lado, importantes livrarias têm declarado falência, de outro, observa-se um florescimento de publicações e de feiras de livros independentes. Percebe-se ainda, na atualidade, as transformações que a internet tem provocado no comportamento da sociedade desde a sua popularização. Nos anos mais recentes, tem-se notado nos jovens-adultos uma busca pela desintoxicação do universo online. Seria o zine pode ser um caminho? Levando em consideração esse contexto, a pesquisa busca compreender o universo das feiras independentes, a intoxicação que pode ser causada pelo meio online, além de analisar se existe uma relação de resistência do zine impresso em relação aos efeitos negativos da internet no comportamento da sociedade.



**Palavras-chave:** zine; internet; mídias eletrônicas; feiras independentes; mercado editorial;

### 1. Introdução

No decorrer da história, o mercado editorial passou por profundas transformações, desde o surgimento do códice até o advento da editoração eletrônica, tendo momentos de maior restrição, a exemplo da Idade Média europeia, em que os livros ficaram quase que estritamente no interior dos mosteiros até a ascensão das universidades no século XII, e os momentos de grande expansão, principalmente em decorrência de inovações tecnológicas, como a invenção da imprensa de tipos móveis, no século XV, e do linotipo, no século XIX.

No início do século XXI, essas transformações continuaram, dessa vez com destaque para: a criação dos *e-readers*, a crise em algumas das grandes livrarias e editoras e o crescimento do mercado independente. Uma das principais características dessas feiras independentes é a venda e a troca dos zines, meio que, segundo Sno (2015) pode ser definido como

um veículo de divulgação alternativo e independente, geralmente reproduzido em pequenas tiragens e distribuído para um público segmentado. Surge da necessidade de expressão de grupos específicos e tornaram-se campos férteis para a experimentações gráficas e textuais graças à total e irrestrita liberdade. [...] É o espaço onde o editor (incomodado com a mesmice ou cansado de não ver aquilo que lhe interessa nas “revistas de verdade”) coloca suas ideias e conteúdo no papel e/ou expõe um ponto de vista diferente sobre um determinado assunto. (SNO, 2015, p.19)

É possível dizer que os zines são uma forma de comunicação que permite uma maior liberdade e autorialidade por parte de seus produtores, além de maior experimentação, o que pode ser útil tanto para a pessoa expressar a sua própria personalidade através do papel, quanto para defender causas sociais. Essa maior expressividade fica muito evidente nos chamados *perzines* (do inglês *personal zines*), descritos por Duncombe (2008) como um tipo de zine em que a pessoa busca construir a si mesma dentro dele, apresentando seus sentimentos, alguns elementos marcantes de sua vida e que ela considera que a represente.

Outro aspecto importante dos zines é a comunidade formada em torno deles. Segundo Duncombe (2008), isso ocorre, pois eles são um meio e, como qualquer outro, tem como função primária a comunicação. O autor ainda afirma que os zines são uma instituição semelhante a um clube, já que muitos deles permitem que várias pessoas se reúnam para discutir determinado assunto, através da troca de correspondências, um espaço para mensagens dos leitores e até mesmo o envio de sugestões de títulos para zines. Além disso, ele afirma que nos zines “cada um cria links entre si e os outros” (p. 53 - tradução nossa).

No início do século XXI, vale também ser mencionada a continuidade do processo de expansão da internet, que causou várias alterações na organização da sociedade. Diversas delas são abordadas por Jenkins (2009), que busca analisar os impactos da internet sob uma ótica que visa uma maior neutralidade. Alguns dos tópicos tratados pelo autor são as relações interpessoais na internet, como se dão os movimentos sociais nesse meio, o uso político das redes, a distribuição física de usuários e provedores e um pouco da origem da internet. No entanto, o autor, nessa busca por uma maior neutralidade, praticamente não aborda a questão dos efeitos negativos que a internet pode trazer a sociedade e aos seus usuários. Esse é um tópico que foi melhor explorado por Syvertsen (2017), em seu capítulo intitulado de “*Caught in the Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction*” e que será abordado melhor ao longo da pesquisa.

### Objetivo

O objetivo deste estudo é compreender o universo das feiras de zines e comparar esse tipo de produção e consumo com aqueles realizados pelos usuários da internet, verificando em que medida o zine pode ser considerado um movimento de resistência aos efeitos negativos dela.

## Justificativa

Em meio a um momento de instabilidade no mercado editorial, meios alternativos vêm ganhando espaço. Esse é o caso das feiras independentes, que envolvem venda e troca de zines. Tendo vista que essas têm crescido muito na última década, mesmo período em que está ocorrendo essa crise no mercado editorial brasileiro, com algumas das maiores livrarias nacionais envolvidas em dívidas, compreender como essas feiras funcionam e por que atraem o público torna-se relevante. Além disso, analisar o zine como um meio de resistência aos efeitos negativos do uso excessivo da internet é um tema atual e de grande importância, tendo em vista possíveis efeitos nocivos desse uso.

## 2. Metodologia:

A metodologia deste trabalho consiste na análise de estudos de caso, em duas feiras independentes que ocorreram em São Paulo: a Feira Bamba (8 de junho de 2019) e a Feira Kraft V (15 de junho de 2019). A partir dessa ida a campo, foi estabelecido contato com alguns integrantes de diferentes coletivos literários. Um questionário com perguntas abertas foi enviado, via e-mail, para eles. Além disso, foi feito uso da técnica de observação participante durante as idas a campo.

## 3. Breve Histórico

Segundo Duncombe (2008), um dos primeiros zines confeccionados data da primeira década do século XX, quando Hugo Gernsback decide iniciar

uma revista para aficionados por rádio chamada de *Modern Electronics*. Três anos depois, ele começa a publicar histórias em sua revista, as quais chamou de ‘ficção científica’ [...] e também fez algo além: publicou as cartas dos seus leitores (DUNCOMBE, 2008 p. 114, tradução nossa)

A primeira maior leva de zines ocorreu na década de 1930, relacionada às chamadas fanzines de ficção científica, revistas que eram feitas por fãs do gênero tendo em foco como público outros fãs. A primeira publicação dessa leva foi o zine *The Comet*, organizado pelo Clube de Correspondência Científica da cidade de Chicago, nos Estados Unidos.

O próximo grande marco para o histórico dos zines data da década de 1970, com o movimento punk, que, como aponta Magalhães (2019) as incorporou como parte dele, por se encaixarem bem dentro da sua filosofia de *Do It Yourself* (DIY), já que o zine se tratava de algo que era feito manualmente por cada criador. Eles as utilizavam como uma forma de divulgação de suas músicas, ideias, formas de se vestir e dos demais elementos que

compunham a subcultura e a identidade punk, sendo um fator importante na resistência desses grupos à cultura de massas.

Na visão de Duncombe (2008), essa característica de DIY dos zines e do movimento punk é uma forma de “crítica ao modo passivo do consumidor de cultura e ainda algo mais importante: a criação ativa de uma cultura alternativa” (DUNCOMBE, 2008, p.124, tradução nossa). Dessa maneira, a própria filosofia de “faça você mesmo” seria uma forma de resistência.

Para esse autor, essa é uma característica que está presente nos zines em geral, abarcando desde os primeiros exemplares de ficção científica. Segundo ele esses fãs, “ao mesmo tempo que seguiam as demandas da cultura comercial, criavam a sua própria cultura” (DUNCOMBE, p. 124, tradução nossa)

Vale mencionar também o advento e a popularização das fotocopiadoras, que permitiram que os zineiros reduzissem tanto o custo quanto o tempo de produção, já que era possível confeccionar apenas um zine original e utilizar essa máquina para gerar cópias de baixo custo de seu trabalho.

#### **4. O Zine no Mercado Atual**

No cenário atual, com a ascensão e predominância da internet nas mídias, a produção independente de zines também foi afetada e influenciada. No Brasil, o meio tornou-se popular entre 1995 e 1996, atraindo a comunidade zineira, em consequência do caráter de novidade e a facilidade trazida no processo de produção do zine, devido ao manuseio da nuvem eletrônica, ao baixo custo, ao maior alcance de divulgação, à possibilidade de utilizar recursos audiovisuais em um contexto de maior abrangência e ao acesso a esse meio.

Em contrapartida, um dos elementos característicos do zine, que é a materialidade, é suprimida no meio online, pois não há a oportunidade do consumidor e do produtor explorarem a textura, as dobras do papel, o odor, o relevo e a impressão artesanal em si. De acordo com Sno (2015):


Os textos publicados na internet, além de não serem muitos agradáveis de ler (é bem chato é nada saudável ficar horas lendo direto na tela do computador), obrigam quem escreve a sintetizar mais sua produção. Por ser um veículo de comunicação instantâneo, as matérias acabam tendo de ser rápidas para segurar o leitor antes de cansá-lo. (SNO, 2015, p.46)

O modo de comunicação virtual promove um desejo de imediatismo na apreensão de informações, causando uma produção de textos em blogs e redes sociais que é menos

aprofundada, justamente pela ansiedade e impaciência, vista no comportamento dos usuários frente ao computador e ao celular.

Outro ponto a ser questionado em relação ao meio digital é quanto ao aspecto durativo do conteúdo no meio online, pois uma página ou site podem ficar fora do ar e um texto, foto ou vídeo podem ser excluídos pela plataforma em que estão inseridos, além de que o excesso de informações durante a navegação no meio online pode fazer com que o conteúdo se perca no meio dos demais.

Os blogspots, fotologs, as páginas virtuais morrem, quando fecham, se perde a história, a não ser que alguém grave em uma CPU toda essa informação. O fanzine não se perde, o que você busca, encontra, porque se queremos reconstruir o passado, ali encontraremos boa parte da informação de uma época (apud SNO, 2015, p.66)

Assim, a internet pode ser encarada como um meio facilitador  a divulgação dos zines, mas quando esses perdem a sua materialidade e passam a ser veiculados exclusivamente na internet podem se perder no meio de tanta informação. Além disso, a retomada do impresso e o crescimento de feiras independentes atualmente pode ser uma forma de resistência a essa mídia digital e seus efeitos negativos.

A rede analógica do zine antes do advento da era digital poderia ser explicada de maneira ilustrativa através da seguinte analogia com os meios digitais: o envio de cartas ocupa o lugar dos e-mails; a distribuição de flyers é utilizada no lugar do spam e do marketing digital; a figura do carteiro no lugar da internet e o meio *underground* (comunidade de produtores e consumidores que estão à margem da indústria cultural e do mercado editorial tradicional) ocupa o espaço da rede social.

Além disso, para Sno (2015), os zines:

além de representarem importantes veículos de resistência, liberdade de expressão e reivindicação de direitos humanos, também trouxeram uma estética visual revolucionária, que trouxe novos conceitos para a experimentação gráfica e marcou como estética da imprensa *underground* daquela época. (SNO, 2015, p.26)

Os zines apresentam a liberdade de expressar opiniões e fomentar debates controversos, pois não dependem de fatores comerciais para existirem e se difundirem; comunicam e externam as ideias de modo democrático, devido a sua inserção no meio alternativo *underground*. Desde o seu surgimento, os zines impressos e manufaturados propiciam um espaço de fala para grupos e movimentos marginalizados, a exemplo de coletivos negros, feministas, estudantis, entre outros, como uma forma de resistência às grandes mídias e aos meios dominantes.

Com isso, acabam identificando e sendo identificados dentro de um grupo e passam, conseqüentemente, a desenvolverem um dos papéis fundamentais na comunicação:

aproximar pessoas com gostos e ideias em comum, além de promover a dialética entre opiniões contrárias (Ibidem, pp.35-36)

O perfil do zineiro é ao mesmo tempo o de um produtor cultural e o de um comunicador, já que é leitor e consumidor de outros zines. Nesse meio, é comum haver a colaboração dos leitores com os zines de seu interesse através de correspondências, sendo capazes de publicarem em alguns zines que tem um espaço para o leitor. Além disso, como aponta Duncombe (2008) ocorrem casos em que os próprios leitores sugerem títulos para os produtores. Também vale destacar que muitos leitores passam posteriormente da posição de receptor para a de emissor. Além disso, corriqueira a prática de “camaradagem” que consiste na ajuda mútua de divulgação dos zines, com um produtor elogiando os zines do outro e até os recomendando. Em suma, o universo dos zines é, desde os tempos de sua fomentação inicial, um espaço amistoso, receptivo, de coletividade e que incentiva e encoraja a relação entre os zineiros e a realização de zines.

De acordo com a teoria de identidade de Hall (1999), o sujeito pós-moderno não possui apenas uma identidade fixa, apresentando várias facetas distintas que podem ser colocadas em conflito dependendo da situação. Partindo disso, pode-se dizer que em cada zine, quem o fez expressa um aspecto de sua personalidade que, por sua vez, ao ser condizente com uma das identidades do leitor, exerce a formação de um laço interpessoal. Sobre esse assunto, Sno (2015) afirma que o zine “[...] atua como uma extensão da amizade que vai se firmando entre os participantes em torno de assuntos, de interesses comuns” (SNO, 2015, p. 20)

Observa-se isso, nos coletivos e nas oficinas de zines, que são ambientes onde as pessoas se reúnem para a confecção seja de zines produzidas coletivamente ou de maneira individual que refletem a singularidade de cada zineiro.

Nota-se que se cria uma rede de relacionamentos e contatos através do zine, que influencia diretamente na vida dos próprios zineiros. No aspecto profissional, por exemplo, alguns migraram para a área da comunicação ou da editoração devido esse contato. Já no aspecto pessoal, houve o cultivo de amizades e até mesmo a união de laços matrimoniais, motivadas por essa mídia. Relatos esses vistos nos depoimentos presentes no documentário “Fanzineiros do Século Passado”, de Márcio Sno.

## 5. Efeitos Negativos da Internet

Como mencionado, em meados de 1990, houve acentuadamente a expansão de uma nova mídia, a internet. Essa expansão foi recebida com entusiasmo e uma visão otimista por parte sociedade, que acreditava ser um meio de comunicação moderno que promoveria a democracia, cultura, liberdade e a expressão da individualidade, além de contribuir para a formação de comunidades.

Com o tempo, surgiram estudiosos que começaram a questionar os possíveis efeitos dessa nova tecnologia sobre os indivíduos. Um exemplo deles é a Dra. Kimberly Young, que foi uma das pioneiras nas pesquisas de vício digital e que já em seu primeiro livro em relação a esse tema alertou que:

Ao mesmo em que foi se tornando a salvadora tecnológica do nosso tempo, a Internet transformou-se também em uma droga para o milênio, ultrapassando, inclusive, a televisão com o seu controle penetrante de nossas mentes e almas. (KIMBERLY, 1998, p.13, tradução nossa)


Em seus estudos, ela analisou os sintomas que os usuários dependentes da internet apresentam, como o uso do meio para escapar da realidade e para aliviar o estresse a ponto de essas pessoas quando estão longe da internet ficarem ansiosas pensando no que irão fazer nela quanto tiverem acesso novamente. Outros sintomas apontados são desenvolvimento de quadros de ansiedade no geral e a necessidade em navegar pela rede a todo tempo e/ou durante longos períodos. Isso afeta a saúde do indivíduo que se sente cansado, irritado e deprimido ao se desligar do meio online. Analisou também o efeito negativo que os esforços falhos em se controlar e/ou parar de usar a internet causam no sujeito.

Segundo a Dra. Young (1998), no ensaio *Internet Addiction: Symptoms, Evaluation, and Treatment*, a internet tornou-se na atualidade um problema complexo capaz de afetar as relações pessoais desde o âmbito familiar até o escolar e o do trabalho. O vício resulta em problemas como a falta de sociabilidade, a negligência em manter contato com amigos, colegas e familiares, além de haver casos em que até laços matrimoniais são prejudicados por conta do parceiro manter-se em frente ao computador ou ao celular solitário, sem interagir com o seu par. Ademais, sintomas como distração, falta de foco e concentração apresentam-se comuns nos interatores assíduos da nova mídia. Além disso, vale mencionar que as pessoas com vício em internet tendem a negligenciar os cuidados com a saúde, higiene, aparência e suas tarefas cotidianas.

Na visão do antropólogo, Thomas Hylland Eriksen (2001), além de a internet minar a concentração e foco dos usuários, também os tornou escravos da tecnologia que supostamente

os libertaria. Em seu livro *Tyranny of the Moment* explicita uma das consequências do online nessa nova era da informação

Algo está saindo fora do controle. A tecnologia que deveria poupar tempo está tornando-o cada vez mais escasso. A grande abundância de informações disponíveis não nos tornou mais esclarecidos e sim menos. (ERIKSEN, 2001, p.77, tradução nossa)

De acordo com Syvertsen (2017), o historiador  Andrew Kenn acrescenta que a mídia digital, a medida em que é um meio que estimula a pirataria, o narcisismo e a pornografia, estaria levando a destruição da própria moralidade. Segundo ele, ela é um meio tóxico que prejudica tanto no campo social, quanto no aspecto psicológico acarretando em enfermidades como déficit de atenção e hiperatividade. Mais um dos pontos criticados por Kenn é como na atualidade a internet é um meio governado por uma “ditadura dos idiotas”, suscitando assim consequências negativas na cultura (musical, literária, cinematográfica) minadas pela “mediocridade” permeada nesse meio.

Nicholas Carr (2011) em seu livro *The Shallows – What the Internet is doing to our brains* discute como a internet está afetando as mentes dos usuários, alegando que ela afeta a concentração das pessoas e dificulta a atividade da leitura, justamente por causar impaciência, dado o imediatismo do usuário da internet.

Outra estudiosa dessa área é a professora Sherry Turkle (2012), que, juntamente com os demais citados, argumenta com uma visão cética sobre a nova tecnologia.

Eu compartilho portanto existo’. Usamos a tecnologia para nos definir ao compartilhar nossos pensamentos e sentimentos enquanto estamos pensando e sentindo. Antes era: Eu sinto algo, quero telefonar. Agora é: Quero sentir algo, preciso enviar um sms. O problema com este novo sistema de “Compartilho portanto existo” é que, se não temos uma conexão, não nos sentimos nós mesmos. Quase não sentimos a nós mesmos. Então, o que fazemos? Conectamos cada vez mais. Mas, no processo, nós estabelecemos nosso próprio isolamento. (TURKLE, 2012)

Segundo ela, os internautas tornam-se vulneráveis diante dessa mídia que os conforta e contenta, contraposta às relações interpessoais cada vez mais escassas, em que o isolamento e conexão via online é preferível ao contato pessoal, as conversas e passeios do mundo real.

Como resistência a esses efeitos negativos da internet, surgiram movimentos como a hashtag #ScreenFreeWk no Twitter, a campanha “*Digital Detox Week*” que defende a desconexão do mundo virtual, além de estimular uma desintoxicação do digital durante uma semana no ano. Observa-se ainda a criação de aplicativos com o intuito de ajudar os indivíduos a moderarem e controlarem o seu uso da internet, a fim de adotarem um estilo de



vida mais saudável. Exemplos de aplicativos são o Forest, o Flipd, o Dinner Mode, o Siempo etc.

Linda Miksch e Charlotte Schulz (2017) afirmam que está havendo um fenômeno na atualidade, que elas chamam de “*disconnect to reconnect*”. Elas concluíram isso a partir da observação de que parte dos jovens, recentemente, começaram adotar um comportamento de afastamento em relação à tecnologia, deixando de usá-la por um determinado tempo (desintoxicação). Essa necessidade de abandonar atividades online e se voltar para as offline surge por conta da consciência que se foi criada entre as pessoas em relação aos efeitos negativos da internet que estão presente no ambiente privado, social e profissional; a falta de concentração, vício, isolamento e mal-estar psíquico estão entre os principais. Assim, jovens-adultos se desconectam do mundo online com o intuito de reduzir o uso das tecnologias e da internet.

Ao analisar a internet, vale mencionar também os estudos de Jenkins (2009) em relação a sociabilidade nesse meio, já que, na visão do autor, a internet é praticamente incapaz formar laços fortes entre os indivíduos, restringindo-se a relações fracas. Embora isso não seja um malefício direto da internet, vale ser mencionado por ser uma deficiência dela que interfere no cotidiano de quem a utiliza, principalmente se considerado o grande tempo gasto com ela.

## 6. Descrição e Análise do Trabalho de Campo

Como mencionado, foram visitadas duas feiras independentes no decorrer do mês de julho: a Feira Bamba e a Feira Kraft V, cujas observações serviram de base para a análise feita por este trabalho

### *Feira Bamba: encontro de zines*

No dia 8 de junho ocorreu a primeira edição da feira Bamba: encontro de zines, no ateliê 397, localizado na região da Pompeia. O local era um galpão relativamente grande. Lá, mesas estavam dispostas com publicações de zines de diferentes autores. Havia poucas pessoas, um total quinze quando chegamos, mas tinham também aquelas que entravam e ficavam por pouco tempo e depois iam embora.

Conversamos informalmente com cada um dos produtores a respeito de suas publicações e percebemos que os zineiros, de modo geral, são pessoas abertas à conversa. Esse é um ponto interessante a se pensar, pois se compararmos a interação que ocorre dentro

da feira e a de fora da feira, perceberemos cenários contrastantes. Diferentemente do que se pode observar no mundo do lado de fora da feira, lá dentro as pessoas buscam interagir verbalmente. Essa é uma preocupação que não encontramos de forma generalizada no nosso dia a dia engolido pelo contato via redes sociais. Vale destacar que durante todo o período que estivemos lá, não vimos nenhuma pessoa fazendo uso de *smartphones*.

Embora haja uma função comercial na feira, essa não aparenta ser a razão principal. As pessoas não vão lá apenas para comprar, mas também para conversar com o autor do zine no qual estão interessadas sobre o processo de produção e outros assuntos paralelos. Lá dentro as compras não ocorrem de maneira mecânica em uma simples relação de vendedor e comprador e sim de um artista e um apreciador ou em algumas situações de uma conversa entre amigos.

Na maior parte das mesas, os próprios autores eram as pessoas que vendiam os seus zines, mas em algumas haviam representantes deles, que, nesses casos, eram amigos do autor. Muitos deles, faziam parte de coletivos literários onde se reúnem para produzir zines e outros impressos.

A maioria dos zineiros com os quais conversamos nos perguntou se desenhávamos, escrevíamos ou se fazíamos zines. A recorrência dessa pergunta provavelmente mostra que nesse universo é comum que os que consomem também produzam e escrevam zines. Para além disso, observamos que entre os zineiros existe uma relação de parceria, em que um ajuda a divulgar o outro. Eles formam uma verdadeira comunidade que se ajuda mutuamente. A forte presença de coletivos literários na feira também reforça essa ideia.

A questão da valorização da materialidade e da atividade artesanal esteve presente nas mesas que visitamos. Todos os artistas e zineiros comentavam com muito carinho e apreço sobre as suas obras e demonstravam interesse em explicar os detalhes da produção. Eles faziam isso não porque queriam vender suas artes impressas, mas, provavelmente, porque eles queriam nos apresentar o mundo deles, o mundo do mercado impresso independentes. Isso ficou claro à medida em que em nenhuma mesa algum zineiro insistiu que comprássemos algo, com todos apenas nos apresentando as ideias por trás de sua confecção.

### *Feira Kraft V*

No dia 15 de junho ocorreu a quinta edição da Feira Kraft no Instituto de Artes da Unesp localizado na Barra Funda. O evento durou das 13h às 21h em uma área coberta dentro

da própria instituição. Além de contar com expositores de publicações independentes, havia também uma programação paralela de palestras ao longo do dia.

Inicialmente, conversamos com um dos organizadores da Kraft que nos antecipou sobre a presença de zines na feira, segundo ele, haveria dos mais variados formatos, temas, montagens e recursos utilizados, de caráter independente e que explora a materialidade do impresso. No decorrer do evento, validamos a fala do organizador, pois encontramos entre os expositores zines autobiográficos, de fotografia, educacionais etc, cada um único à sua maneira, a maioria com o conteúdo intimista, assim como artesanal.

A primeira zineira com que dialogamos nos contou, sob a sua perspectiva, que há um crescente aumento de feiras independentes no cenário atual, e através da criação desses novos eventos, a exemplo da própria feira Kraft, da Miosos e da Plana deu uma abertura a esse meio, promovendo visibilidade ao trabalho do artista independente, que agora possui um espaço físico para vender e trocar zines, divulgar sua arte e entrar em contato com o seu leitor e outros zineiros.

Chamou-nos a atenção um coletivo que foi formado a partir de um curso de escrita na Casa das Rosas. Após o término das aulas, o grupo de oito pessoas continuou a se encontrar e produzir conjuntamente zines. É interessante que mesmo possuindo agendas distintas, eles persistem em estabelecer um contato pessoal, face a face, fazendo reuniões presenciais mensalmente para trocar ideias, sugerir temas e fazer juntos toda a produção de um zine. Assim, notamos que há um forte sentimento de comunidade e irmandade, além de propiciar sociabilidade.

Outro caso que nos surpreendeu foi uma zineira que não era ligada diretamente à área, ela cursava Biologia, de modo que refletia na sua produção, pois o tema e conteúdo abordado era relacionado a sua graduação, assim elaborou zines sobre mitose e meiose de uma forma educacional e didática. Ela acrescentou que possuía um apego ao papel, e manualmente desenhava as ilustrações e escrevia o texto direto no impresso, apenas recorria a tecnologia para escanear o material e imprimir em um número maior de cópias, produzindo de maneira semelhante aos zineiros do século passado.

No bate-papo com os expositores, houve um ponto de vista interessante, em que a zineira comparou o meio digital com uma faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo que ela é útil para a divulgação, não é um meio muito bom para as publicações em si, já que o conteúdo some rapidamente por causa da volatilidade das redes. A expositora acrescentou ainda a sua

visão sobre a experiência proporcionada pelas feiras independentes, que é o contato direto com a fonte: autor, bem como a atmosfera receptiva e a troca de vivências e conteúdos entre os próprios expositores e visitantes.

Também nessa feira, um fato curioso é que observando os expositores e o ambiente da feira, notamos que a maior parte dos artistas, zineiros e visitantes pareciam não estar conectados a celulares ou outros aparelhos tecnológicos, talvez justamente pela atmosfera amigável, que promovia um bem-estar e uma sensação de leveza e calma. Ao conhecer as produções artísticas e socializar com os zineiros, não parecia haver uma ânsia ou necessidade em recorrer ao meio online, sendo estabelecido um contato mais humano e pessoal.

Dentre os expositores que conversamos, notamos que a maioria já estava inserido nesse meio e produzindo zines há três anos, diferente do perfil observado na Feira Bamba em que a maioria dos zineiros começou a produzir e frequentar há menos de um ano.

Nessa feira, também observamos que o preço dos zines apresentava grande variação, podendo oscilar desde de aqueles que custam R\$1,00 até os que custam R\$25,00, por exemplo. Vale mencionar que não há um piso ou teto de preços estabelecido pelas feiras, dependendo totalmente da vontade do zineiro. Outro fator interessante que observamos é em relação às trocas de zines, que não somente ocorrem entre dois itens de mesmo valor monetário, mas também entre valores muito diferentes, desde que ambos estejam interessados.

## 7. Análise das entrevistas online

Durante as visitas às feiras, quatro pessoas foram convidadas para responderem posteriormente um questionário, o qual está em anexo neste trabalho e foi enviado por e-mail para os participantes. A partir das respostas obtidas, foi feita uma análise do discurso, através do qual, constatamos que:

Dos quatro entrevistados, dois são jornalistas, um é *webdesigner* e um é estudante de Artes Visuais e trabalha como ilustrador *freelancer*.

Quanto aos *hobbies*, três dos entrevistados interessam-se tanto por atividades online como jogos, filmes e séries, quanto atividades como ler, nadar, fazer xilogravura e cantar. O quarto entrevistado apenas citou como *hobbie* escrever. Em relação ao estilo de vida, os entrevistados citaram além do trabalho e do estudo, também citaram o gosto diferenciado pela literatura.

Os entrevistados afirmam que são mais produtores do que consumidores de zines e que costumam a se sentir mais motivados para realizar ambas as tarefas em ambientes com outras pessoas, como coletivos de zines e feiras independentes. Além disso, eles também afirmam que compram somente em feiras.

Como motivações para começar a fazer zines, os entrevistados apresentaram os seguintes argumentos: ser um formato prático, rápido e criativo; poder ser utilizado para divulgar outros projetos; ser um meio de troca de ideias e interação social; possibilidade de ser um protagonista dentro da ideia da cultura do “faça você mesmo”.

Os quatro entrevistados começaram a fazer zines ou retomaram essa atividade entre um a três anos.

Dois entrevistados tomaram contato com a cultura dos zines recentemente, enquanto que dois têm contato desde a infância, só que um deles já os fazia, mas não conhecia por esse nome e o outro imagina que fosse algo apenas ligado aos quadrinhos.

No tocante a relação que os entrevistados têm com o zine bem como os sentimentos que ele lhes desperta foram salientadas as seguintes questões: reforço do gosto pelo desenho, estímulo para pensar fora do convencional, sentimento de nostalgia, sentir-se como um artesão, encanto e admiração em relação às ideias dos demais.

No quesito das relações interpessoais, os entrevistados apontaram que fizeram muitas amizades e um deles até mencionou que iniciou um relacionamento afetivo com outro zineiro. Vale comentar que um deles mencionou como a manufatura de um zine em conjunto do outro e algo que serve para encontrar interesses em comum e formar laços afetivos muito fortes.

Ao serem questionados sobre o que mais gostam nos zines, houve as seguintes afirmações: “possibilidade de produção e distribuição aliadas ao baixo custo”, “orgulho de levar para casa um item bastante original”, “[o fato de as falhas serem] bem vindas, já que as peças são produzidas por pessoas, não por máquinas” ”simplicidade para transmitir sentimentos e pensamentos de uma forma visualmente rica” “possibilidade de [...]criar obras também únicas com materiais inusitados”.

Como diferenças do zine em relação às outras mídias, apontaram que ele é um meio mais interativo que as ilustrações, que possui uma ludicidade embora não seja um jogo, que apresenta uma materialidade que está ausente no online e que é independente, inclusive em relação às gráficas.

Os quatro entrevistados preferem zines impressos em relação aos digitais. Além disso, nenhum deles tem o hábito de converter os seus zines para o formato digital.

A divulgação de seus trabalhos, três deles afirmam fazê-la também nas redes sociais, enquanto que um afirma preferir que seu trabalho passe de uma mão para a outra mesmo. Vale ressaltar que um deles planeja abrir uma loja *online* para vender os seus zines.

Quando questionados sobre o uso da internet no seu dia a dia, todos afirmaram utilizá-la diariamente. Além do uso para a divulgação citado por alguns, também foi apontada a utilização para consultar materiais, acessar canais de informação, comunicar-se com pessoas distantes, interagir com o trabalho de outros artistas.

Em relação a efeitos negativos causados pela internet no seu cotidiano, todos os entrevistados alegaram senti-los, citando como principais a falta de atenção, o gasto de tempo com muitas coisas que não agregam, a dependência, agravamento de quadro de ansiedade. Um dos entrevistados, considera inclusive as outras mídias como um “refúgio” do ambiente digital.

Por último, os entrevistados foram questionados se eles concordavam com a afirmação de que está ocorrendo um grande crescimento das feiras independentes e, caso concordassem, se poderiam supor alguma explicação para aquilo. Todos concordaram com a afirmação, embora um não tenha uma hipótese para isso. Os demais apresentaram como possíveis causas o fato de que os meios de produção independente são algo de fácil acesso, a crise no mercado editorial tradicional, a necessidade de criar espaço de resistência e debate em um sistema cada vez mais opressor e conservador, ser uma tendência passageira, ser a única forma de zineiros se encontrarem e de consumo desses materiais


## **Conclusão**

Através deste trabalho foi possível compreender um pouco do universo das feiras de zines. Nesse ambiente, os produtores são independentes e os principais motivos apontados por eles para realizar essa atividade são a possibilidade de utilizar a criatividade, o baixo custo, o formato prático, o fato de ser um meio de troca de ideias e interação social e de se sentirem protagonistas de uma cultura do “faça você mesmo”. Eles se sentem artesãos e se encantam com a arte de seus pares, sendo ao mesmo tempo produtores e consumidores. Salientam também as grandes possibilidades de fazerem amizades e gostam de trabalhar em grupo. Utilizam a internet no dia a dia, até mesmo na divulgação de seus trabalhos, mas reconhecem

que o uso excessivo pode gerar efeitos negativos como a falta de atenção, o gasto de tempo com coisas que não agregam às suas vidas, ansiedade e dependência.

Conforme apontado pelos autores pesquisados, o uso excessivo da internet pode gerar ansiedade, isolamento, dificuldade de concentração, de sociabilidade, negligência no contato com outras pessoas, entre outros efeitos, algo que condiz com que foi apontado pelos entrevistados.

Comparando as entrevistas e as observações de campo e as opiniões dos autores pesquisados foi possível constatar que o zine pode ser considerado um movimento de resistência aos efeitos negativos da internet, já que ao produzir os zines as pessoas têm a possibilidade de se expressar através das ilustrações, da escrita, das dobras, dos cortes e dos materiais seus pensamentos e emoções. Ao mesmo tempo que produzem algo que pode ser vendido ou trocado e se desafiam a produzir algo novo, utilizam atividades diversas e interagindo com outras pessoas. Os momentos de produção de zine podem possibilitar um momento de saída de um mundo virtual em que as relações humanas são mais empobrecidas.

O fenômeno da internet é relativamente recente, mas tem provocado nos últimos anos uma grande mudança no costume das pessoas. Até que ponto o celular não é uma extensão do próprio braço? Ele possibilita que as pessoas se comuniquem quase instantaneamente com quem está distante, mas deixem de falar com quem está ao lado. Os autores já apontam os malefícios dos excessos no uso da mídia eletrônica, mas como vencer tamanha sedução que elas exercem sobre o público? As feiras de zine, embora poucas, são um espaço em que as pessoas se relacionam com os objetos expressando a sua arte e demonstram grande interesse em simplesmente conversar com quem está na feira. Por isso, demonstram ser um espaço de resistência, embora um pequeno espaço. 

### **Referências Bibliográficas**

CARR, Nicholas. **The Shallows: What the Internet is Doing to Our Brains**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2011.

DUNCOMBE, Stephen. **Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture**. 2. ed. Bloomington: Microcosm Publishing, 2008.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Tyranny of the Moment: Fast and Slow Time in the Information Age**. London: Pluto Press, 2001.

**Fanzineiros do Século Passado.** dir. Márcio Sno, São Paulo, 2011. Disponível em: <[www.vimeo.com/marciosno](http://www.vimeo.com/marciosno)> Acesso em: 28 mai. 2019.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: D&A, 1999.

JENKINS, Henry. Introdução. In: **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

MIKSCH, L., Schulz, C. **Disconnect to Reconnect: The Phenomenon of Digital Detox as a Reaction to Technology Overload.** Disponível em: 

<<https://lup.lub.lu.se/student-papers/search/publication/8944615>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SNO, Márcio. **O Universo Paralelo dos Zines.** São Paulo: Editora Timo, 2015.

SYVERTSEN, T. **Media Resistance: Protest, Dislike, Abstention.** Noruega: Department of Media and Communication University of Oslo, 2017.

TURKLE, Sherry. **Conectado, mas só?** Ted Talks. 2012. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/sherry\\_turkle\\_alone\\_together?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

YOUNG, Kimberly. **Caught in the Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery.** New York: John Wiley and Sons, 1998.

YOUNG, Kimberly. “Internet Addiction: Symptoms, Evaluation, and Treatment”. In: VANDECREEK, Leon; JACKSON, Thomas L. **Innovations in Clinical Practice.** v. 17. Sarasota: Professional Resource Exchange, 1999.



## **Anexo - Questionário aplicado com os zineiros**

- 1) Você estuda e/ou trabalha?
- 2) Quais são os seus hobbies?
- 3) Qual é o seu estilo de vida?
- 4) Você produz e/ou consome zines?
- 5) Por que você começou a fazer zine?
- 6) A quanto tempo você faz zine?
- 7) Como e quando você conheceu o zine?
- 8) Qual é a sua relação com o zine?
- 9) Que sentimentos o zine desperta em você?
- 10) Você já fez alguma amizade por causa do zine?
- 11) O que você mais gosta no zine?
- 12) Onde você compra zine?
- 13) Para você, quais são as principais diferenças do zine em relação às outras mídias?
- 14) Qual tipo de zine você consome impresso e/ou digital?
- 15) Quando você faz zine, você publica ele na internet?
- 16) Você usa a internet para divulgar os seus zines? Você acha que ela ajuda?
- 17) Quais outros usos você faz da internet?
- 18) Com que frequência você costuma usar a internet?
- 19) Você acha que a internet tem algum efeito negativo na sua vida?
- 20) Para você, está havendo um *boom* de feiras independentes? Se sim, por que você acha que isso está acontecendo?

## **Respostas**

Zineira(o) 1

1. Estudo Artes Visuais pela UNESP, e estou estagiando em uma EMEF e trabalhando de ilustradora freelancer nas horas vagas (que horas vagas kkkk)
2. Vídeo games, fazer concepts para projetos pessoais, assistir gamers no youtube, e trabalhar com xilogravura.
3. Uuuuh, não sei responder?
4. Produzo e consumo zines ocasionalmente.
5. Comecei como produção de arte para fomentar projetos em uma companhia de teatro, mas continuei fazendo zines depois que saí do grupo pois gostei muito do formato.
6. Fiz minhas primeiras zines em 2016 e parei por um tempo, e voltei a produzir recentemente.
7. Conheci durante a primeira Feira Kraft, e vi as zines dos meus colegas lá.
8. Sei que existem muitos jeitos de criar e montar zines, e gosto de ver como cada artista trabalha com o formato, e como o estilo e tema se relaciona com a pessoa que as fazem. Pessoalmente, gosto de trabalhar a narrativa visual nas minhas zines, que geralmente tem pouco ou até nenhum texto. É um bom formato para se fazer narrativas curtas, o que me convém já que sempre tenho muitas ideias e pouco tempo para produzir algo muito rebuscado.

9. Acho que depende da zine e quem a fez, na real, não tenho um sentimento específico sobre zines no geral.
10. Já sim, várias inclusive.
11. Acho que a simplicidade com que você pode transmitir pensamentos e sentimentos, em um formato simples, mas que pode ser tão visualmente rico.
12. Apenas em feiras de zines e de impressão independente, direto dos artistas.
13. Acho que o quão simples elas são de fazer, no final das contas, são práticas e de fácil consumo, ao contrário de mídias como HQs, e mais interativas do que ilustrações. Tem uma ludicidade que outras mídias não tem, mas não são jogos exatamente.
14. Impresso, quase nunca digital.
15. Publico fotos das zines impressas, mas não as traduzo pro formato digital.
16. Tentar divulgar eu tento, mas se ajuda ou não nunca pesquisei a fundo haushuaha
17. Ah, postar minhas ilustrações, manter contato com outros artistas, interagir com as artes que eles postam, essas coisas.
18. Todo dia, quase o dia todo? aushauhsa
19. Com certeza, passo tempo demais nela e às vezes ela piora minha ansiedade.
20. Acho sim que a cena de feiras independentes vem crescendo nos últimos anos, se isso é uma reação a ou sintoma de alguma coisa, aí já não sei dizer.

#### Zineira(o) 2

1. Sou jornalista freelancer
2. Ler, assistir a filmes e séries, desenhar, viajar, nadar
3. Trabalho para pagar boletos, a literatura me alimenta
4. Produzo, individualmente e com o coletivo Discórdia; gostaria de comprar de tudo, mas costumo selecionar bem o que comprar em feiras de zines (gosto de trocar também)
5. É um formato prático, rápido e criativo de apresentar suas ideias
6. Desde criança, eu produzia quadrinhos com amigos, mas parei no fim da adolescência. Retomei quando o Discórdia foi criado, em 2017
7. Na infância, eu fazia zines sem saber que eram zines. Mas com o recente crescimento das feiras de publicações independentes, eu me dei conta de quanto o formato é versátil
8. Eles me fizeram retomar o gosto pelo desenho, agora adulto. E eles me estimulam a pensar a literatura fora do livro, fugindo do convencional
9. Nostalgia. E a ideia de que me aproximo mais de um artesão do que de um escritor
10. Muitas. Todo um coletivo de escritores, do qual faz parte minha atual namorada. Além de pessoas que conheci em feiras
11. A imperfeição. As falhas são bem-vindas, pois são feitas por pessoas e não por máquinas em uma linha de produção. E sua tiragem limitada, que dá orgulho de levar para casa um item que, se não é único, é bastante original
12. Em feiras de publicações independentes
13. A forma como você o manuseia, que pode ser diferente para cada pessoa, dependendo do zine, sem ter uma forma certa e uma errada.
14. Gosto de procurar formatos diferentes. Curto quadrinhos, mas estou aberto a todo tipo de zine

15. Só publiquei um, que parei de vender em feiras. Ele teve o ciclo dele
16. Uso redes sociais para divulgá-los, mas sem disponibilizá-los lá
17. Sou autor de livros também e a internet é minha única ferramenta para divulgá-los. Também uso muito para pesquisas. Além de visitar canais de informação
18. Frequentemente. Para lazer e trabalho
19. Dependência. Desperdiço muito do meu tempo ocioso com algo que não me traz nenhum retorno. É preciso filtrar mais as páginas que acessamos. E buscar refúgio fora da rede, em outras mídias e na relação com outras pessoas e lugares de verdade
20. Está. E isso é ótimo. Acho que há vários fatores. Um dos mais fortes é o acesso facilitado a meios de produção independente e também de divulgar um produto. Outro é a crise dos grandes do mercado editorial, que leva muita gente a buscar os independentes e também colocar as mãos na massa. Com esse crescimento, a criatividade tem sido bastante estimulada, atraindo cada vez mais o interesse para produtos baratos e originais. É também um reflexo da necessidade de criar espaços de resistência e debate em um sistema cada vez mais opressor e conservador

#### Zineira(o) 3

1. Sou jornalista e escrevo, especificamente, sobre empreendedorismo.
2. Gosto de cantar (faço parte do coral da Casa das Rosas), ler, ver séries e me reunir com o Coletivo Discórdia para criar projetos literários.
3. No que diz respeito à cultura, gosto de frequentar ambientes alternativos, mas acredito que, querendo ou não, vivemos em nossa “bolha social” e isso faz com que convivamos com pessoas com o mesmo estilo, a mesma classe, os mesmos padrões. Então, nessas feiras de zines, dificilmente temos contato com gente que faz zines nas periferias ou que esteja criando algo muito fora do meu circuito, do meu estilo de vida
4. Produzo e consumo zines com moderação. Digo com moderação, pois posso dizer que sou mais instigada a produzir quando estou em projetos coletivos e a consumir quando vou em feiras desse segmento.
5. Comecei a fazer zines ao entrar para o Coletivo Discórdia, criado em 2017, depois do Curso de Formação do Escritor (CLIFE) da Casa das Rosas. Alguns alunos do curso decidiram continuar se reunindo para trocar textos e ideias de projetos e daí nasceu o grupo.
6. Dois anos.
7. Junto com o coletivo fui desenvolvendo meus primeiros zines, mas acredito que tive uma noção histórica e mergulhei melhor nesse “suporte” em uma oficina da Aline Valek realizada no SESC Paulista no ano passado.
8. Acho prático realizar projetos por meio dos zines (ou dAs zines, como descobri recentemente, já que a palavra vem de fanzine, que é um substantivo feminino). Com apenas um papel sulfite dá pra fazer muita coisa. E depois, se você quiser incrementar, é só usar uma folha mais grossa, cores diferentes, letras especiais. Pronto, já tem uma “obra” mais sofisticada.
9. Acho que é aquela coisa de ser artesanal, do handmade, que cada dia se torna mais importante em um mundo automatizado.

10. Fortaleci as amizades criadas no coletivo e recentemente criei um zine com uma integrante do nosso grupo, a Camila Cruz, e percebemos quantas coisas tínhamos em comum desenvolvendo o projeto.
11. Acho que é a possibilidade de criar publicações únicas com materiais tão simples, ou criar obras também únicas com materiais inusitados (já vi um zine feito de conchas).
12. Apenas nas feiras.
13. A independência total. O “zine raiz” é feito em casa mesmo. Não precisa de gráfica, de muita sofisticação. Lógico que a gente sempre quer dar aquela sofisticada, mas o zine para ser zine é uma folha sulfite e pronto.
14. Impresso.
15. Não. Para falar a verdade, nunca me ocorreu essa possibilidade.
16. Usamos o Facebook e o Instagram para divulgar que estaremos em feirinhas e até vender, mas não disponibilizamos em PDF, por exemplo, o arquivo.
17. Ainda não está no ar, mas o Discórdia, em breve, terá uma loja online para vender seus zines e usamos também o contato com youtubers para divulgar nossas criações.
18. Todos os dias.
19. Com certeza. Apesar de ajudar na divulgação do trabalho literário e do meu trabalho profissional, já que como jornalista eu atuo em site, acho que também perco muito tempo com besteiras online. Ainda preciso aprender muito sobre gestão do tempo na internet.
20. Sim, acredito que essas feiras estão aumentando pois são a única oportunidade dos zineiros se encontrarem e de quem é fã desse tipo de publicação consumir esse material em quantidade sem depender de fazer uma encomenda ali e aqui, de forma pingada em páginas nas redes sociais ou sites.

#### Zineira(o) 4

1. Trabalho. Sou produtor cultural e webdesigner
2. Literatura, principalmente. Faço parte de um coletivo de escritores.
3. Humm, tradicional. Casado, com filhos, dedico muito tempo na dobradinha trabalhar e cuidar da casa.
4. Faço alguns zines do coletivo que participo e temos planos de fazer novos.  
Não sou grande consumidor, mas sempre pego alguns nas feiras que visito/participo.
5. Sempre admirei a cultura do “faça você mesmo”. Entendo ser ela uma forma de gerar protagonismo.  
Gosto da forma rápida que o zine proporciona, tanto na produção quanto na distribuição. Uma forma barata de colocar meu material na rua. E se errar, é fácil corrigir e aprimorar.
6. Um ano.
7. Acompanho a cena de quadrinhos faz muitos anos (cerca de 30) e desde o início já encontrava zines de HQs nos (poucos na época) eventos de quadrinhos. Aliás, por muito tempo uma coisa esteve associada a outra para mim. Demorei a conhecer zines de outras vertentes (música, política, literatura...)
8. Consumo e admiração, de longa data.

9. Admiração. Me encanta ver as ideias e soluções que surgem a cada edição, ver o trabalho de gente diferente circulando.

10. Sim.

11. Facilidade de produção e distribuição aliadas ao baixo custo

Possibilidade de experimentação ilimitada, dentro das características do suporte.

12. Em eventos e feiras de quadrinhos e publicações independentes.

13. Em relação à mídia impressa é a facilidade de acesso, de produção.

Em relação à mídia eletrônica é a materialidade, o palpável que ele proporciona.

Em qualquer situação o zine propicia experimentações de produção e impressão que outras mídias não permitem.

14. Impresso.

15. Não, no momento.

16. Não, prefiro entregar mão-a-mão. Mas sim, a internet pode ajudar na divulgação e distribuição de muitos zines que permitam fácil impressão.

17. Básico de consulta, informação e comunicação.

18. Diariamente.

19. Sim. Hiperconexão e desvio de foco.

20. Sim.

Um misto de moda e redescobrimto. Frente às dificuldades de publicação e distribuição nos modelos tradicionais, as feiras (re)surgiram como alternativa de se experimentar o processo de produção de uma publicação com a facilidade de acesso ao público.